

KUPFER, D. Renda Média: Armadilha ou Percalço? *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 08/04/2013. Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia0/coluna/renda-media-armadilha-ou-percalco.ghtml>

---

## **Renda Média: Armadilha ou Percalço?**

08/04/2013

A coluna anterior, publicada em 11 de março último, menciona apenas de passagem a tese da "armadilha da renda média" (middle income trap). Essa tese vem sendo sugerida por estudiosos ligados ao Banco Mundial e outras instituições supranacionais como explicação para a inflexão no ritmo de crescimento do PIB experimentada pela maioria dos países emergentes após atingirem um nível intermediário de renda per capita. De acordo com essa tese, os países vêm o processo de emparelhamento empacar quando a renda per capita atinge valores na casa de 10 a 16 mil dólares (em paridade de poder de compra, valores constantes de 2005).

A tese tem se revestido de grande atualidade porque subentende uma questão decisiva para os rumos da economia mundial: estará a China próxima de encontrar os seus limites dinâmicos e prestes a entrar em uma fase de crescimento (mais) lento?

Defensores da tese argumentam com algumas regularidades marcantes encontradas quando se compara os indicadores sócio-econômicos dos países que se deixam capturar pela armadilha. Primeiro, em termos da composição do PIB, a possibilidade de o esforço de formação de capital liderar a dinâmica da demanda agregada tenderia a arrefecer a partir de determinado nível de renda. A partir desse limiar, o impulso ao consumo de bens e serviços de maior elasticidade-renda passa a ser o elemento condicionante do ritmo de crescimento, requisito que se transmite também à pauta de bens exportados pelo país. Segundo, em termos da composição da estrutura industrial, após uma fase de rápida expansão apoiada em incorporação à matriz produtiva de atividades novas, as forças pró-especialização passam a predominar, levando inicialmente à interrupção e posteriormente a um retrocesso no grau de diversificação da economia. Terceiro, em termos da composição do mercado de trabalho, a rápida absorção de mão de obra de menor qualificação deixa de ser suficiente para alimentar a expansão produtiva, levando a requisitos crescentes de habilidades, capacidades e conhecimentos cuja disponibilidade tende a ficar aquém do exigido pela manutenção do crescimento rápido.

O problema com a tese não está na validade dessas regularidades e sim em tratá-las como uma armadilha. São, de fato, percalços inexoravelmente associados às profundas mudanças estruturais que caracterizam o processo de desenvolvimento. Armadilha corresponde a uma circunstância indesejada da qual é difícil se libertar. Pode-se, porém, evitá-la, contorná-la. Percalço é uma dificuldade inerente ao caminho. É um desafio que não pode ser evitado ou contornado. Ao contrário, deve ser enfrentado e superado.

A forma chinesa de lidar com os percalços do desenvolvimento se dá por meio de políticas

ativas de indução de mudança estrutural, tal como é perfeitamente exemplificado pelo 12º. Plano Quinquenal (2011-2015) ora em vigor. O plano propõe uma verdadeira guinada no modelo de desenvolvimento econômico do país, atacando frontalmente diversas das causas apontadas para a desaceleração do crescimento: a substituição do mercado externo pelo interno como motor dinâmico da economia; a diminuição da dependência do PIB ao esforço de acumulação de capital, por meio da redução programada do peso da formação bruta de capital na sua composição e, principalmente, a ênfase na inovação nativa e a aposta em algumas indústrias estratégicas emergentes que avancem na consolidação de uma robusta capacitação tecnológica nacional (descrita com precisão pelo mote "Made by China" em substituição ao "Made in China").

A grande lição que a China dissemina pelo mundo pode ser sintetizada na verdadeira simbiose entre as políticas industrial e tecnológica implementadas no país.

Nos idos dos anos 1970, época em que o Brasil surgiu como modelo bem-sucedido de desenvolvimento, teve lugar aqui uma estratégia que pode ser expressa como a troca de mercado interno nacional, já bastante vasto e, principalmente, em rápida expansão, por capital externo. Não era então difícil justificar essa opção pois entendia-se que o capital era o fator escasso que restringia a sustentação do crescimento. Assim, parte importante do esforço industrial brasileiro foi capitaneado por empresas multinacionais, que transferiram para o país produtos e métodos de fabricação já em fase de difusão internacional, sem maiores preocupações em instituir efetiva capacidade de inovar no mercado local. O problema é que o capital é um animal alado. Com a estagnação da economia mundial do início da década de 1980, o capital externo bateu asas e voou, provocando uma crise macrodinâmica de longa duração, da qual o Brasil ainda hoje se ressente.

Anos depois, a China, também detentora de um vasto mercado interno e igualmente em rápida expansão, adotou uma estratégia em tudo diferente. Trocou seu mercado interno por tecnologia, exigindo das empresas transnacionais que lá se instalaram sólidos programas de transferência tecnológica. E a tecnologia é uma árvore, que lança raízes e cria externalidades que aprofundam ainda mais a sua fixação no território.

Não parece existir algo como uma armadilha da renda média. Existem sim os percalços - e são muitos - da trajetória de desenvolvimento rápido e sustentado e as políticas que visam enfrentá-los e superá-los. Pode parecer um exagero semântico mas essa disjuntiva é estruturante do debate sobre desenvolvimento econômico desde o seus primórdios. E faz toda a diferença.

David Kupfer é professor licenciado e membro do Grupo de Indústria e Competitividade do Instituto de Economia da UFRJ (GIC-IE/UFRJ) e assessor da presidência do BNDES. Escreve mensalmente às segundas-feiras. E-mail: gic@ie.ufrj.br. As opiniões aqui expressas são do autor e não necessariamente refletem posições do BNDES.